

CORPO, EXPERIÊNCIA E PERFORMANCE:
perspectivas teórico-metodológicas anti-conceituais.

Marcos Vinícius Buiati Rezende
mbuiati@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3857108027319448>

RESUMO

O objetivo desse artigo é traçar algumas das teorias e práticas dos estudos da *performance* a partir dos eixos conceituais corpo e experiência. Inicia-se abordando o corpo e a experiência como conceitos, dentro das ciências sociais. Posteriormente analisa-se como as mudanças conceituais e paradigmáticas dessas duas noções podem nos dar algumas pistas para entendermos o momento histórico do surgimento dos estudos da *performance*. Conclui-se que, em contraponto à tendência acadêmica de conceitualizar, sistematizar e circunscrever as áreas do conhecimento, os estudos da *performance* configuram-se como zonas transversais, inter-disciplinares e híbridas, aproximando-se mais de um anti-conceito, uma anti-área, aberta a novas e atuais recombinações.

Palavras-chave: Corpo. Experiência. Performance. Teoria. Metodologia.

As performances culturais, ou os estudos da *performance*, compreendem uma ampla gama de articulações teóricas envolvendo diferentes disciplinas, filosofias e ciências. Tal complexidade tornou-se possível, mediante uma ampla mobilização epistemológica que deflagrou o rearranjo de inúmeras categorias e abordagens teóricas, assim como do mundo como o concebemos e vivenciamos. A realidade, o cotidiano, a sociedade e a cultura se transformaram frente a essa mudança paradigmática.

Este artigo, pretende percorrer teoricamente parte dessa ampla e complexa teia a partir de alguns eixos conceituais de investigação, a saber, o corpo e a experiência. Assim, o objetivo geral do presente trabalho, é cartografar algumas das teorias e práticas dos estudos da *performance* a partir dos eixos conceituais corpo e experiência. A fim de traçar um fio condutor que possa nos guiar dentro deste vasto e mutável anti-campo, analisarei como as mudanças conceituais e paradigmáticas dessas duas noções podem nos dar algumas pistas para entendermos o momento histórico do surgimento dos estudos da *performance*.

Em contraponto à tendência acadêmica de conceitualizar, sistematizar e

circunscrever as áreas do conhecimento, os estudos da performance configuram-se como zona híbrida e intermediária, aproximando-se mais de um anti-conceito, uma anti-área, aberta a novas e atuais recombinações. Conclui-se a partir desse quadro, que uma teoria e uma prática da performance são na verdade várias, teorias e práticas EM performance, em mutação.

Na contemporaneidade, o corpo passa a ser entendido, questionado e refletido a partir da premissa de que mais do que ser objeto, receptáculo da cultura, ele é também produtor, agente e construtor da cultura. Esse pensamento está em diálogo com grandes mudanças históricas e epistemológicas que marcaram o século XX. Estudar o corpo, em termos antropológicos e sociológicos, passa a estar para além do corpo em si.

Miguel Vale de Almeida (1996) localiza a discussão sobre o corpo dentro de um panorama maior de preocupações da antropologia. O corpo passa a participar de processos maiores e mais complexos, especialmente a partir da segunda metade do século XX. O debate passa a ser polarizado, entre duas vertentes de abordagem: uma que entende esse momento histórico como uma concretização do moderno, uma continuação transformada da modernidade, uma modernidade tardia, sem ruptura; e outra que aborda este mesmo momento como uma ruptura de fato, um outro momento, que inaugura um novo paradigma, o pós-moderno.

Acompanhando este intenso e efervescente período, a chamada “virada antropológica”, traz múltiplas possibilidades de mudança de suas ferramentas de análise, de seus paradigmas e de seus epistemes, tendo como uma de suas características mais recorrentes, o retorno à prática, a valorização do estar no mundo, e das experiências corporais. Conforme Silvia Citro (2010) “este câmbio de perspectiva nos estudos antropológicos sobre o corpo está intimamente vinculado às transformações socioculturais associadas aos processos de globalização e pós modernismo.” (p. 52, tradução nossa).

A valorização da prática, da experiência, da carne, como fenômenos relevantes na abordagem do corpo, passa a contribuir para que o corpo não seja entendido somente como suporte da cultura, mas também como produtor da mesma, agente. Há porém, como veremos, distintas maneiras de se pensar essa noção e diferentes pesos dados para a noção de “agência”. Mas um ponto comum entre elas é a valorização da

experiência como relevante nos processos de construção cultural além das diversas tentativas de quebra das dualidades, por exemplo entre sujeito e objeto, mente e corpo, cultura e natureza.

Essa tentativa de rompimento com os pares opostos de dualidades, que caracterizaram tanto o pensamento moderno, e o pensamento da antropologia clássica que descrevemos acima, aparece em diversas áreas e em diversos autores do pensamento social. Corpo e cultura estão, para essas novas perspectivas, em uma relação dialógica, um influenciando e construindo o outro mutuamente.

A partir da “virada antropológica”, dentro das abordagens dos estudos das corporalidades, passa-se a entender que, no âmbito científico e epistemológico, o corpo também é fonte de conhecimento, produtor e agente influente na construção do social e da cultura. As abordagens gradativamente transitam *do corpo, para o corpo*.

Uma antropologia do corpo, passa a ser entendida como uma antropologia para o corpo, pelo corpo, a partir do corpo, onde o foco é “praticar uma antropologia do e desde os corpos, em que as palavras não tenham que ocultar a carne que lhes dá vida” (Ibid., p. 18, tradução nossa). Uma sociologia e uma antropologia da carne é compreendida dentro do que se passa a identificar como *paradigma da corporeidade*.

Começando nos primórdios dos anos 1970, e com energia crescente no final dos anos 1980, o corpo assumiu uma presença viva na cena antropológica, e no palco dos estudos culturais interdisciplinares. Teoria feminista, crítica literária, história, religião comparativa, filosofia, sociologia, e psicologia, estão todas engajadas no movimento em direção ao corpo. Antropólogos com interesses que atravessam a antropologia médica e psicológica, a antropologia do espaço, cultura material, teoria da prática, teoria da performance, teoria crítica, e até mesmo a antropologia cognitiva, problematizaram o corpo em escritos recentes. (CSORDAS, 1994, p. 1, tradução nossa)

A corporeidade surge no contexto das ciências sociais justamente como um contraponto ao paradigma linguístico discursivo, mesmo no pensamento pós-estruturalista, que era o modo operante até então, extremamente fortalecido pela enorme influência dos trabalhos de Michel Foucault. “Esta tendência carrega o duplo perigo de dissipar a força do uso do corpo como um ponto de partida metodológico, e de uma objetificação dos corpos como coisas desprovidas de intencionalidade e

intersubjetividade.” (CSORDAS, 1994, p. 4, tradução nossa).

A ascendência do corpo como paradigma, observado nas ciências sociais, vem acompanhada da valorização da experiência e da prática, como ferramentas metodológicas de análise. Evocar a experiência nas ciências, significa valorizar a percepção, a subjetividade e as emoções como partes integrantes dos processos investigativos de pesquisa.

A corporeidade é um ato metodológico que busca contrapor uma concepção de experiência compreendida e dominada pelo discurso. Os antecedentes deste processo de emergência da experiência, alinham-se historicamente com a emergência do corpo, tendo portanto suas origens no final do século XIX. Passa-se a se considerar a “irracionalidade” da vida como pressuposto inerente a uma lógica de conhecimento pautada no fenômeno, que liga-se sempre a um tempo-espaço histórico e social. Não é de se admirar portanto, que o corpo, a carne, passa a ser evocado nas ciências sociais ao mesmo tempo que a experiência se torna urgente na filosofia. Houve uma mudança conceitual no entendimento da experiência que a atrelou à dimensão física e carnal da realidade. Psíquico une-se ao mundo pelo corpo, nosso corpo, por seu viés, por suas experiências.

Construída a partir do pensamento alemão, é de Wilhelm Dilthey a noção de *Erlebnis*, ou experiência vivida, vivência. Derivada do verbo *Erleben*, que quer dizer viver ou vivenciar — estar presente quando alguma coisa acontece — o substantivo *Erlebnis* refere-se a uma unidade de experiência, de um indivíduo isolado, em sua história pessoal. Para Dilthey a história é obra dos homens enquanto indivíduos, e não uma manifestação do espírito absoluto da razão.

Dilthey constrói assim seu pensamento concebendo o indivíduo como o ser que vive seus próprios estados e se encontra entrelaçado nas interações da sociedade, em um cruzamento de seus mais diversos sistemas. Não há separação entre sujeito e objeto e, portanto, não há separação entre a experiência sensível e o intelecto. Os indivíduos são seres históricos, que não pensam somente, mas sentem, refletem, se emocionam.

Para Dilthey, a experiência tem caráter primordial, pelo que a realidade só existe em fatos da consciência dados pela experiência interna. A experiência, assim, não é só cognição, mas também sentimentos e expectativas, e não “chega” só verbalmente, mas também através de imagens. (...) A noção de experiência é

complementada pela de “expressões” (representações, performances, objetificações, textos), fechando-se o círculo hermenêutico no fato de a experiência estruturar as expressões e estas aquela. (ALMEIDA, 1996, p. 15).

O processo de consumação de uma unidade de experiência (*Erlebnis*) conforme Dilthey, seria então a expressão de um significado, que é “espremido” (*Ausdrucken*) da experiência e que pode ser “performatado”, sinalizando que o processo se completou e foi simbolizado. (TURNER, 1982, p. 13, tradução nossa).

Pelo viés de Vitor Turner, a experiência cria então um desvio na antropologia. Experiência é um ato de vontade, que exige aventurar-se, correr riscos, literalmente “passar por” algo a partir de seu próprio corpo, levando em consideração o incerto e a dúvida como possibilidades de interferência e transformação. O pensamento aqui é construído mutuamente com a ação, emoção e vontade.

Estruturas de experiência, para Dilthey, não são “estruturas cognitivas” sem sangue, estáticas e “sincrônicas”, tão amadas pelo “pensamento estruturalista” que dominou a antropologia Francesa por tanto tempo. Cognição é, claro, um importante aspecto, faceta, ou “dimensão” de qualquer estrutura de experiência. O pensamento clarifica e generaliza experiências vividas, mas a experiência está carregada com emoção e vontade, fontes respectivamente de juízos de valor e ensinamento. (Op. cit., p. 13, tradução nossa)

Esta passa a ser uma orientação metodológica nova, agora possível, para a antropologia que passava por uma “virada” para a prática. Observamos essa mudança paradigmática tanto pelo viés do corpo como pelo da experiência.

A partir do paralelo com a discussão sobre os conceitos de corpo, entre as visões clássicas e contemporâneas sobre corpo, chegamos, a partir dos conceitos de experiência, ao mote que irá arrematar esta articulação teórica: a performance. Passemos então a pensar essas teorias e práticas metodológicas da performance, como teorias e práticas EM performance.

A velocidade dos deslocamentos, físicos e simbólicos, parece nos afetar a todos, e ainda que não compreendamos como tudo se processa, sentimos consciente ou inconscientemente que algo está ali, diferente, construindo o agora possivelmente a partir de novas bases, novos territórios, ou, mais provável, a partir do encontro de territórios diferentes.

Como nos lembra, novamente, John Dawsey (2007), o espelho mágico dos rituais se quebrou e de fato, hoje, é difícil encontrar uma teoria que se mantém una ou é construída sozinha, como uma fórmula mágica e auto-suficiente que contém as respostas para todos os problemas e análises. Entre muitos estilhaços, é juntando cacos, achando pedaços perdidos e colando com outros, que moldamos os mosaicos que nos darão respostas para as mais diversas perguntas que surgem insistentemente. Respostas que se articulam e criam novas perguntas e indagações.

No mundo contemporâneo a busca do sentido torna-se cada vez mais difícil. As afinidades entre a antropologia “pós-moderna” e a antropologia da experiência (e da performance) de Turner revelam-se num “desvio”: a atenção do antropólogo volta-se aos ruídos e elementos estruturalmente arredios. (DAWSEY, 2007, p. 164)

Entre estes ruídos, fissuras e entrechoques, o mundo vibra, e para percorrer esses novos caminhos tortuosos há que se criar novos meios de transporte, novas estratégias de pensamento, novas pontes que articulem campos uma vez sólidos em encontros interpenetrantes. Não se pode ser muito comportado com o pensamento se se quer entender estruturas cada vez mais instáveis e voláteis, visíveis a nossos olhos (ainda que turvos) diariamente. "Estudos de performance demonstram um interesse marcante por elementos estruturalmente arredios: resíduos, rasuras, interrupções, tropeços e elementos liminares. Ruídos." (DAWSEY, 2007, p. 528).

É fato que os estudos em performances vão estremecer os campos sólidos disciplinares de análise cultural humana. Conforme Dawsey, o campo da antropologia da performance, é em si expressão de nosso tempo, busca significados e tem sua voz (vozes) própria. Modismos a parte, senso crítico em mãos, performance é e está se afirmando como um entre-espço híbrido de análise, que possui grande potencial para falar de nosso mundo. Ele afirma:

Como uma espécie de campo liminar — como vimos, possivelmente antidisciplinar — estudos de performance espelham a própria experiência do mundo contemporâneo: a fragmentação das relações, o inacabamento das coisas, a dificuldade de significar o mundo. [...] Formula-se uma questão: não seria o próprio campo da antropologia da performance, no qual se espelha a fragmentação do mundo contemporâneo, uma expressão da busca de significado?

(Ibid., 2007, p. 531 e 532).

Assim como o ritual passa de objeto de investigação a ferramenta da antropologia, em um tempo espaço específico, ou seja, em uma época histórica específica, performance também pode ser uma ferramenta de análise para os campos de manifestação humana na contemporaneidade. Justamente porque performance nasce já múltipla, híbrida, caleidoscópica, pode dizer muito sobre nosso tempo, refletir em estilhaços as múltiplas possibilidades de subjetivação humana atualmente.

Conforme dito, a antropologia da experiência, inaugura um desvio metodológico nas ciências sociais que dialogará diretamente com os estudos da performance. Em sintonia com esse movimento, no fim dos anos 80, Victor Turner lança *The Anthropology of Performance* (1987), obra fundamental que enlaça experiência e performance.

Para mim, a antropologia da performance é uma parte essencial da antropologia da experiência. Em um sentido, todo tipo de performance cultural, incluindo ritual, cerimônias, carnaval, teatro, e poesia, é uma explanação e explicação da vida, como Dilthey frequentemente argumentava. (TURNER, 1987, p. 13, tradução nossa)

Outro ponto de vista que colabora com esse quadro é o de Richard Schechner, que considera a existência de um movimento intelectual localizado em um campo intermediário (*in-between*), de convergência de abordagens, que passa a valorizar os estudos relacionados ao comportamento humano menos a partir de dados quantificáveis e mais a partir de um olhar qualitativo, múltiplo e relacional entre passado e presente. (SCHECHNER, 2011, p. 234 e 235).

Compreende-se então um fenômeno dado, a partir de uma relação dinâmica e imbricada entre tempo e espaço, acarretando um entendimento de que não há nada que seja a mesma coisa ontem, hoje e amanhã. Estamos em fluxo, sempre no “meio”, atravessados por uma complexa multiplicidade cultural e social.

Toda performance possui esse entre lugar, um espaço de movimento dinâmico, em que convergem e emergem os fluxos de conteúdos simbólicos de uma metamorfose, do tempo, do espaço e, do corpo de quem performa, seja um ator em cena, um nativo em um ritual ou um indivíduo "atuando" em seu cotidiano.

Um conceito que nasce no final do século passado, ambientado numa grande

efervescência intelectual e cultural, de grandes transformações de paradigmas nas ciências humanas; carrega em sua composição essas características multifacetadas: “Performance surge no final do século vinte, uma época marcada por uma reviravolta na antropologia influenciada pela condição crítica da teoria contemporânea, pela condição pós-moderna e pelo questionamento do status da cultura como conceito-chave na antropologia” (LANGDON, 2007, p. 17).

O campo de estudos em performances nasce mergulhado nessa rede intrincada, e as ciências humanas caminham por seus múltiplos novos caminhos de estudo e entendimento do mundo social e cultural como inter-conectado, misturado.

Ao final da década de 1970, antropologia entrou numa fase de reflexão crítica, em que seus conceitos, pressupostos, métodos e textos foram questionados. “Cultura”, nosso conceito chave, deu lugar a uma visão do mundo como fragmentado e a uma abordagem crítica. (Ibid.: p. 11).

De fato, se a partir de meados do século XIX, já observávamos uma transformação no pensamento ocidental onde a lógica formal e cartesiana de abordar o mundo já vinha sendo substituída por uma lógica dialética, produto de um movimento, de uma contradição; a partir do século XX observamos um estilhaçar das abordagens causais e dicotômicas das manifestações humanas. Acompanhando este contexto a antropologia (assim como as ciências sociais como um todo) passa então a se influenciar e contaminar por outros procedimentos e métodos.

As transformações nos campos dos estudos literários, estudos feministas, história social, e outros, impactaram a antropologia, e esta começou a lidar com um mundo pós-moderno e pós-colonial, o qual é caracterizado pelo imprevisto ou indeterminado, a heterogeneidade, a polifonia de vozes, as relações de poder, a subjetividade e a transformação contínua. (Ibid.: p. 11).

Dentro desta emergência polifônica, múltipla, dos estudos contemporâneos, passa-se a levar em conta também a presença do antropólogo/pesquisador como fator determinante na construção de análises e subjetividades, influenciando e agenciando também a estrutura de simbologias no contexto estudado.

O paradigma da performance reconhece que o antropólogo em campo está imerso

na política da interação comunicativa e, assim, demanda uma constante reflexão sobre como nos posicionamos, seja na relação com nossos colaboradores, na representação de suas falas e textos, e na escrita geral dos textos etnográficos (Ibid.: p. 15).

Seja qual for a tendência das abordagens dos estudos em performance, a partir da identificação de fatores comuns que podem ser observados nas diversas linhas, Langdon sugere portanto que as performances culturais formam um eixo conceitual estruturado e de utilidade comprovada (Idem).

Dentre esses fatores comuns, entendo que o engajamento corporal, sensorial e emocional, conforme citado por Langdon, abre um espaço para o antropólogo/pesquisador se relacionar diretamente com a mediação e estruturação da função poética em relação à sua percepção e posterior notação nos textos etnográficos, a partir de uma análise crítica acerca de um evento estudado.

O paradigma do corpo e “embodiment” (corporificação) (Csordas, 1990) também faz parte das análises de performance, [...] uma discussão que visa entender a possibilidade de transformação fenomenológica no nível mais profundo do corpo, rejeitando uma divisão cartesiana de experiência, que separa o racional do emocional e do corporal. (Ibid.: p. 16).

A experiência portanto, está atravessada também no corpo do pesquisador, enquanto fator contribuinte para a percepção e construção dos sentidos da função poética emergente da performance.

O contexto dos significados emergentes da performance (outro fator comum no eixo que une os diversos paradigmas do conceito de performance), está vinculado então ao modo como estes significados são expressos e se localiza no centro da performance, “não só no significado semântico ou referencial, como é o caso das análises da antropologia simbólica clássica. Como consequência, o conceito de performance implica na experiência imediata, emergente e estética.” (Ibid.: p. 17).

Se é característico dos estudos da performance se configurarem como um entre lugar teórico e um entre lugar disciplinar, é difícil, ou minimamente contraditório, considerar tais estudos como um campo estável, uma área disciplinar delimitável. Surgido no bojo de movimentos contemporâneos que questionam as supostamente inabaláveis

certezas modernas, os estudos da performance possuem em sua característica justamente a desestabilização de muitas dessas certezas teóricas. Fazem parte de suas abordagens a dinâmica e a mobilidade conceitual, o questionamento de fronteiras estáveis entre disciplinas e eventualmente o surgimento ou a criação de novas áreas, híbridas.

Tendo uma natureza teórica paradoxal, afirmar tais estudos como uma nova área, um novo campo disciplinar, corrompe ou altera uma de suas características primordiais. Estão eles mais para um anti-campo que para um campo, visto que seus eixos de análise são híbridos, dinâmicos, mutáveis, contamináveis e transversais.

O conceito de performance adquire formas variadas, cambiantes e híbridas. Há algo de não resolvido nesse conceito que resiste às tentativas de definições conclusivas ou delimitações disciplinares. Aquém ou além de uma disciplina, ou até mesmo de um campo interdisciplinar, os estudos de performance se configuram com uma espécie de antidisciplina. (DAWSEY, 2007, p. 530 e 531)

Assim se configuram suas propostas metodológicas, a partir do cruzamento de abordagens diversas, para não necessariamente se chegar a resultados fixos, mas estabelecer novas possibilidades de processos investigativos. Seguindo este esteio, talvez corpo, enquanto conceito e categoria, já não esteja mais hoje, suportando as pressões de significados e expressões tão múltiplos. Talvez, as performances exijam anti-corpos, para dar conta de seus movimentos, fluxos e transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Corpo Presente – treze reflexões antropológicas sobre o corpo**. Portugal, Celta, 1996.

CAMARGO, Robson. **Performances Culturais: Um Conceito Interdisciplinar e uma Metodologia de Análise**. In: <http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/pages/38092>, 2013.

_____. **Performances Culturais e “Arte Performance”**: Contradições, Conceitos e Traduções. Manuscrito, 2014.

_____. *Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito Interdisciplinar e Uma Metodologia de Análise*. In **Karpa**. At <http://ufg.academia.edu/RobsonCamargo>,

2013.

CITRO, Silvia. **Cuerpos plurales – antropología de y desde los cuerpos**. Buenos Aires, Biblos, 2010.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

_____. **Embodiment and Experience – the existential ground of culture and self**. London, Cambridge University Press, 1994.

DAWSEY, John. **Sismologia da Performance: Ritual, Drama e Play na Teoria Antropológica**. Revista de Antropologia, USP, V. 50, No 2, 2007.

_____. *Victor Turner e antropologia da experiência*. In: **Cadernos de Campo 13**.

Em www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50264/54377, 2005.

LANGDON, Esther Jean. *Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs*. In **Antropologia em primeira mão**.

Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis: UFSC, 2007.

MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, SP, Cosac & Naify, 2003.

SCHECHNER, Richard. *Pontos de Contato entre o Pensamento Antropológico e Teatral*. In **Cadernos de Campo Número 20**. Em

<http://www.performancesculturais.emac.ufg.br/pages/38092>, 2011.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, Vozes, 1974.

_____. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência. In: **Cadernos de Campo**, nº 13, 2005.

_____. *Introduction*. In: TURNER, Victor. **From ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play**. New York, PAJ Publications, 1982.

_____. BRUNER, Edward M. (orgs.). **The Anthropology of Experience**. Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1986.

SOBRE O AUTOR:

Marcos Buiati - Professor, dançarino e coreógrafo.

Mestrando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás e

graduado em Dança pela UNICAMP. Pesquisa o corpo em performance com ênfase em seus aspectos cênico-dramatúrgicos, culturais e antropológicos.

Tem ampla experiência como dançarino/intérprete, tendo atuado em importantes cias de dança no Brasil, como a *Edson Beserra e Seu Composto de Ideias/DF* (2013 - 2014), a *Quasar Cia de dança/GO* (2009 - 2013), a *Maurício de Oliveira e Siameses/SP* (2009), e a *Cia Fragmento de Dança/SP* (2007 - 2009).

É também criador e coreógrafo desde 2004, com inúmeras obras criadas. Foi contemplado recentemente pelo Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal com o projeto “Os Lugares Sem...”, espetáculo de dança para ser desenvolvido em 2015.

Como professor, atua nas áreas de Educação Somática, Consciência Corporal e Dança Contemporânea. Pesquisa o Sistema de Movimento Laban/Bartenieff, com foco na análise e consciência do movimento, e sua aplicação no treinamento técnico de bailarinos, na reeducação do movimento e reorganização corporal. Tem experiência em docência no ensino superior, ensino médio, cias de dança e projetos artísticos. Atua também em cursos livres, oficinas e workshops.